

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
L755	Linguística, letras e artes: descrição, análise e práticas sociais 3 / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0975-5 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.755231101 1. Linguística. 2. Artes. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título. CDD 410
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: DESCRIÇÃO, ANÁLISE E PRÁTICAS SOCIAIS 3**, coletânea de oito capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, no presente volume, reflexões que explicitam gênero fabular e animações, gênero autobiografia, Catupé Amarelo, Congada Catalana, linguagem Mabrak, educação musical, educação infantil, ensino remoto, língua portuguesa, ensino de inglês e formação de professores.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

CAPÍTULO 1	1
GÊNERO FABULAR DAS ANIMAÇÕES CINEMATOGRAFICAS SOB NOVA PERSPECTIVA	
Carla Lima Massolla A. da Cruz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7552311011	
CAPÍTULO 2	10
ANÁLISE DE ELEMENTOS COESIVOS NA PRODUÇÃO ESCRITA DO GÊNERO AUTOBIOGRAFIA	
Cícera Evangelista da Silva Sousa José Raimundo de Oliveira Filho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7552311012	
CAPÍTULO 3	14
A REDE SOCIAL <i>FACEBOOK</i> E O CATUPÉ AMARELO DA CONGADA CATALANA: ANÁLISE DE UM ENUNCIADO VERBOVOCOVISUAL	
Wellington dos Reis Nascimento	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7552311013	
CAPÍTULO 4	31
ALTERANDO REALIDADES A PARTIR DA LINGUAGEM MABRAK: UMA TRADUÇÃO COMENTADA	
Luís Henrique Labres	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7552311014	
CAPÍTULO 5	47
FORMAÇÃO DA CRIANÇA E AS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO MUSICAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Laíse Souza Rezende Suely dos Santos Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7552311015	
CAPÍTULO 6	57
O ENSINO REMOTO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19	
Danyelle Costa Nunes Suzanny Pinto Silva Karin Claudia Nin Brauer	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7552311016	
CAPÍTULO 7	73
NOVOS RECURSOS TECNOLÓGICOS NO ENSINO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
André Aleixo de Oliveira Silva Débora Maria Nascimento Silva Maira Judith Azevedo Callou	

Rita de Cassia Mendonça de Miranda
Adrielle Zagnignan
Luís Cláudio Nascimento da Silva
Dulce Porto Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7552311017>

CAPÍTULO 895

PROFESSORES EM FORMAÇÃO COMO GAME DESIGNERS: POR UMA
TECNOLOGIA EDUCACIONAL CRÍTICA

Bianca Garcia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7552311018>

SOBRE O ORGANIZADOR 111

ÍNDICE REMISSIVO112

ALTERANDO REALIDADES A PARTIR DA LINGUAGEM MABRAK: UMA TRADUÇÃO COMENTADA

Data de aceite: 02/01/2023

Luís Henrique Labres

Pesquisador Independente
Porto Alegre - RS

RESUMO: Num primeiro momento, busca-se organizar um argumento sobre linguagem e a construção de realidades a partir de um olhar idealista, sem ignorar ou invalidar qualquer materialismo. Aceitando-se que a linguagem tem ao menos um papel importante nessas construções, o artigo indaga se os produtos de tais construções poderiam ser alterados de alguma forma a partir da linguagem. Em seguida, parte-se para uma breve contextualização histórica do movimento rastafari na Jamaica e a sua luta por uma identidade usando de criações e reformulações da linguagem. Por fim, propõe-se uma tradução de um poema oral sobre o rastafari, linguagem e identidade, publicado em 1971, criado por Bongo Jerry, artista jamaicano adepto do movimento.

PALAVRAS-CHAVE: Dread talk, Jamaica, rastafari, tradução comentada, neologia.

ABSTRACT: At first, this paper seeks to compile a reasoning on language and the construction of realities based on an idealist

viewpoint, without disregard to any kind of materialism. Accepting language has at least an important role on those constructions, this paper inquires if the products of such constructions could be altered somehow by modifying language. Then, there's a short historical contextualization of the Rastafari movement in Jamaica and its struggle in a language-adapting search for identity. Lastly, this paper offers a translation of an oral poem on Rastafari, language and identity, published in 1971, created by Bongo Jerry, a Jamaican artist within the movement.

KEYWORDS: Dread talk, Jamaica, Rastafari, commented translation, neology.

As discussões sobre realidade, percepção, pensamento e linguagem perpassam diversas épocas, regiões e áreas do conhecimento humano. “O que é a realidade? E o que te fará entender o que significa a realidade?” Assim indaga o Corão no começo do capítulo 69. Essa discussão pode facilmente levar a um abismo ideológico desnecessário, por isso propõe-se que as definições aqui delineadas não sejam compreendidas como únicas e absolutas, mas necessárias

para a construção deste argumento.

É difícil descrever o que é a realidade, pois ela existe de forma complexa independente de descrições, mas é só pela descrição que conseguimos analisá-la racionalmente. Numa primeira reflexão, a realidade passível de descrição é entendida como aquela que podemos perceber, interpretar e converter em palavras. Para perceber a realidade, considera-se cinco sentidos humanos (visão, audição, tato, olfato e paladar)¹. Para interpretar as impressões sensoriais, a mente. Para converter as interpretações em palavras, a linguagem.

Aqui não se discute se a realidade percebida pelos sentidos é a única ou não, mas a reflexão é levada em conta. Como no Bhagavad Gita, onde há uma realidade suprema comum a todos, imutável e eterna, uma realidade que não se vê, não se ouve e não se toca. A outra, essa percebida pelos sentidos, seria uma realidade envolta em um manto ilusório, alterada com frequência pelo relativismo da percepção e da interpretação.

Essa baixa confiabilidade na percepção dependente de impressões sensoriais não se limita aos campos espirituais do conhecimento humano. Um teste de ilusão de ótica como o do sociólogo alemão Müller-Lyer, por exemplo, pode demonstrar percepções equivocadas baseadas em falsas impressões sensoriais. Além disso, mesmo com impressões sensoriais concretas e percepções condizentes, ainda a mente as interpreta de maneiras distintas com base nas experiências e associações individuais.

Quando um indivíduo se depara com um novo estímulo ou uma nova experiência, automaticamente vasculha sua biblioteca de estímulos e experiências na busca por padrões similares, a fim de associá-los a esse novo evento. Conforme Ben Goertzel, seria impossível a mente interpretar logicamente cada um dos inúmeros estímulos sem (semi)automatizar as interpretações através de um sistema de crenças. Para Nietzsche, a crença está na origem de qualquer impressão sensorial, acreditar seria a primeira atividade intelectual.

Em suma, recebemos dados sensoriais a partir dos nossos órgãos de sentido e os associamos aos nossos conhecimentos prévios, conscientemente ou não. Cita-se ainda a ótica do poeta sufi Ibn Arabi, que explica a realidade como o Ser, as coisas possíveis e o nada absoluto. Para o sufi, a realidade do Ser é o Real e a nossa parte da realidade é a das coisas possíveis².

“No princípio era o Verbo”, como indicam as primeiras palavras da narrativa cristã no evangelho de João no novo testamento bíblico, datado do final do século I. De acordo com o terceiro versículo dessa passagem, o Verbo é a origem de tudo, lendo-se que “todas as coisas foram feitas por Ele”.

Assim, de certa forma, também diz o filósofo austríaco, Wittgenstein, em seu tratado lógico-filosófico de 1921, ao afirmar que “os limites da minha linguagem são os limites

1 O texto mantém-se no limite dos cinco sentidos voltados à aquisição de conhecimento, sem adentrar nos sentidos funcionais, indicados no capítulo 13 do Bhagavad Gita, nos textos 6 e 7.

2 Na realidade das coisas possíveis, tudo tem o atributo da existência e da não existência. Ibn Arabi distingue três níveis de coisas possíveis: a) significados desprovidos de substratos; b) significados percebidos pelos sentidos, e; c) significados percebidos tanto pela racionalidade quanto pelos sentidos.

do meu mundo” (WITTGENSTEIN, 1968). O mundo, ou a realidade, ampliar-se-ia, de certa forma, com a expansão da linguagem, e também contrair-se-ia em caso de retração, considerando-se que tais processos ocorrem de maneira bastante diferente. No entanto, mais importante aqui do que essa célebre frase é a seguinte construção lógica acerca da linguagem e da realidade:

“3.12 Chamo signo proposicional o signo pelo qual exprimimos o pensamento. E a proposição é o signo proposicional em sua relação projetiva com o mundo.

[...]

3.5 O signo proposicional empregado e pensado é o pensamento.

4 O pensamento é a proposição significativa.

4.001 A totalidade das proposições é a linguagem.

[...]

5.5262 A verdade ou a falsidade de cada proposição altera em algo a construção geral do mundo.” (WITTGENSTEIN, 1968)

Sendo o signo proposicional, a grosso modo, a palavra em sua forma gráfica ou sonora, a proposição o sentido dessa palavra em relação à realidade e o pensamento uma conjunção das duas, parte-se para a última afirmação para tentar entender como se daria uma alteração da realidade a partir da linguagem. Por ora, considera-se que o julgamento acerca da veracidade dos sentidos das palavras altera em algo a construção da realidade. Sendo tal julgamento feito a nível de pensamento, que por sua vez é expresso pela linguagem, tem-se, no mínimo, que a linguagem é uma peça importante na construção geral da realidade.

Acerca do tema, os sociólogos estadunidenses Berger e Luckmann corroboram o argumento ao afirmarem que “a linguagem é essencial à compreensão da nossa realidade cotidiana” (BERGER E LUCKMANN, 1966). A linguista inglesa Siobhan Chapman fala que “a linguagem influencia aquilo que pode ser expresso pelo indivíduo e até mesmo sua realidade social depende dela” (CHAPMAN, 2006). Uma das inferências diretas oriundas desses pensamentos converge com a conclusão obtida a partir de Wittgenstein: o papel da linguagem na construção de realidades, individuais ou sociais, é basilar.

Não se busca com isso afirmar que toda linguagem preceda toda realidade, como pode parecer numa análise rasa, afinal, o aroma da rosa existe, quer seja traduzido em palavras pelo indivíduo ou não, como apontou o filósofo escocês Thomas Reid ao investigar a mente humana e o senso comum em 1764. Para evitar essa possível confusão, o conceito de linguagem será dividido em natural e convencional, com base no proposto por Reid (ele usa o termo “artificial” para a linguagem convencional).

Entende-se por linguagem natural aquela que é compreensível independente de acordos prévios, ou, como ilustra o linguista Chomsky e os biólogos Hauser e Fitch em referência à comunicação dos macacos, são “chamados acústicos distintos em resposta a

contextos de importância funcional, incluindo a detecção de predadores ou a descoberta de alimentos” (CHOMSKY, HAUSER E FITCH, 2002). A linguagem convencional, por sua vez, é aquela cujos signos não têm significado algum por si só, senão aqueles afixados por convenção social. Um exemplo desses signos é a própria escrita fonética utilizada neste artigo.

O conceito de realidade será dividido com base nas ideias do neurobiólogo chileno Humberto Maturana. Em seu artigo de 1978 sobre biologia da linguagem, Maturana fala em realidade individual e realidade consensuada, sendo a primeira constituída das experiências pessoais do indivíduo, fazendo parte ou não das experiências coletivas, enquanto a segunda é uma realidade necessariamente compartilhada e consensuada entre os observadores envolvidos. Por exemplo, o indivíduo sente o aroma da rosa de Reid, que passa a fazer parte de sua realidade individual. A partir do momento em que o indivíduo descreve o aroma para alguém ou simplesmente o faz também senti-lo, o aroma passa a fazer parte de uma realidade consensuada.

Até aqui, tem-se a separação da linguagem em natural e convencional, e a separação da realidade em individual e consensuada. Elas não são antagônicas e nem excludentes, mas apenas interpretações diferentes, que inclusive se justapõem por vezes. Segue-se com uma relação entre os quatro conceitos para debater a questão da precedência da linguagem ante a realidade.

Antes de uma linguagem convencional existir, é necessária a existência de um consenso (ou no mínimo um consentimento) social, e, para tanto, faz-se necessária uma realidade consensuada prévia. Como fala Maturana, “a comunicação linguística vem depois do estabelecimento de uma união estrutural ontogênica” (MATURANA, 1978). Em outras palavras, a linguagem convencional só surgirá após uma realidade consensuada.

Aqui vem um paradoxo: para que a realidade consensuada possa de fato ser consensuada, deve ser possível descrevê-la, e, para tanto, algum tipo de linguagem se faz necessária. Nesse ponto, Reid argumenta a favor da linguagem natural, sem estrutura convencional, mas plenamente compreensível, como um bebê que, com fome, chora num esforço de comunicar seu intento.

Porém, o bebê jamais conseguirá descrever suas realidades com a linguagem natural, como aponta, em outros termos, o linguista russo Voloshinov em sua filosofia da linguagem de 1929, ao afirmar que a realidade individual só pode ser explicada e analisada quando racionalizada e externalizada usando de alguma linguagem convencional (BAKHTIN, 2006). Isso não significa que a realidade individual não exista anteriormente, mas que só pode ser observada, inclusive por si mesma, a partir do uso de uma linguagem convencional.

A racionalização da realidade por si mesma, seja ela individual ou consensuada, é fator determinante para a busca de sentidos de si, de identidades. E essa racionalização, reiterando o que disse Voloshinov, dá-se a partir de uma linguagem convencional. Como

fala o filósofo canadense Charles Taylor,

“Aquilo que sou em si, minha identidade, define-se essencialmente pela forma que se dá a significação das coisas para mim. E como já tanto se argumentou, essa significação das coisas, assim como da minha identidade, só se dá a partir de uma linguagem interpretativa a qual eu tenha aceitado como articulação válida para essas questões”. (TAYLOR, 2001, p. 34, em tradução livre pelo autor)

É nesse sentido que a linguagem precede a realidade. Ela é necessária para significar desde objetos, a fatos, ao próprio sentido de si. Antes da significação, o objeto e o fato existem, mas não fazem parte da realidade interpretada. Da mesma forma, o sentido de si, a identidade, só virá à realidade quando externalizada e observada usando de uma linguagem convencionalizada, seja numa realidade individual ou consensuada.

Apesar dos argumentos aqui não precisarem de uma definição específica de identidade, vale comentar que aqui se entende ela pela ótica do sujeito pós-moderno segundo as ideias do sociólogo jamaicano Stuart Hall (2006). O autor distingue três acepções de identidade em seu livro sobre identidade cultural na pós-modernidade. Hall fala na identidade do sujeito iluminista, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno. A grosso modo, o primeiro considera a identidade de maneira individual (sou o que sou), o segundo a insere numa perspectiva social (sou o que sou em relação ao outro), e o terceiro lida com a variação da identidade de acordo com o contexto e o tempo histórico (sou o que sou em relação ao outro, numa determinada situação e determinado momento).

Retomando a argumentação, tem-se que a linguagem convencionalizada é uma necessidade para que a realidade seja racionalizada e observada, inclusive por si mesma. Sabendo que essa racionalização é condição para a estruturação dos sentidos de si, das identidades, tem-se, numa lógica simples, que a linguagem é um alicerce na construção identitária.

Aceitando-se isso, então, conclui-se que é só com uma linguagem convencionalizada que o indivíduo conseguirá reconhecer sua própria realidade individual, e também a realidade consensuada em que está inserido. É só com uma linguagem convencionalizada que os indivíduos e os grupos sociais encontrarão suas identidades.

A linguagem convencionalizada, além de possibilitar a construção identitária, também é imprescindível, segundo o filósofo estadunidense John Searle (1995), para a existência das estruturas institucionais, como dinheiro, casamento, governo ou propriedade. Em sua argumentação no livro sobre a construção da realidade social, o autor fala que nenhuma estrutura institucional existiria sem uma linguagem convencionalizada, pois, a grosso modo, todo pensamento complexo requer uma.

Dada a importância da linguagem na construção de realidades, logo se pensa em seu potencial de alteração dessas realidades. Um primeiro passo para se trabalhar a realidade a partir da linguagem estaria talvez na contraposição ao problema da reificação

extrema apontado por Berger e Luckmann (1991). Os autores dizem que, no processo de reificação, as estruturas institucionais – como a linguagem convencionada em si, além daquelas apontadas por Searle e tantas outras – tendem a ser objetificadas com o tempo e logo se esquece que são produtos de interações humanas, esquecendo-se também que é possível alterá-las. Para buscar maneiras de evoluir essas estruturas institucionais, deve-se antes reconhecer que são passíveis de transformações, resgatando suas origens desde a concepção, além de reconhecer o potencial transformador dos indivíduos e dos grupos sociais a partir de uma linguagem convencionada.

Nos próximos parágrafos, uma rápida contextualização histórica de um movimento social originado na Jamaica que modifica a linguagem convencionada instituída. O movimento reformula a linguagem, buscando na origem das palavras e em seus fonemas os seus sentidos originais, de forma que realidades são alteradas e uma identidade de resistência é reforçada.

1 | RASTAFARI E A NEOLOGIA IDEOLÓGICA

A tradição do movimento rastafari tem, de acordo com o cientista político jamaicano Horace Campbell (1988), fortes ligações com os *Maroons* (primeiros fugitivos africanos na Jamaica), com as revoltas dos escravos nos séculos 18 e 19 e com a ideologia de um grande líder do movimento negro, Marcus Garvey (panafricanismo, retorno à África, nacionalismo negro), no século 20.

Os rastas, como são chamados os adeptos do movimento rastafari, são frutos da diáspora africana, despidos de suas identidades originais, oprimidos por imposições físicas e mentais, ansiando não só pela sobrevivência, mas por aquilo que anseia a maioria dos seres dotados de uma linguagem convencionada: um sentido de si, uma identidade.

Em torno de 1920, Garvey teria dito aos negros que “olhem para o leste, pois um rei negro será coroado, e ele será o salvador”. Difícil encontrar essa referência específica em registro, no entanto, na obra que ele escreveu sobre sua filosofia e suas opiniões, editada por Amy Jacques-Garvey, jornalista jamaicana e segunda esposa de Marcus, tem-se o seguinte trecho proferido por ele:

[...] Nós, negros, acreditamos no Deus da Etiópia, o eterno Deus—Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo, o único Deus de sempre. Esse é o Deus em que acreditamos, mas sempre O idolatraremos pelo olhar da Etiópia”.
(JACQUES-GARVEY, 2009, p. 29, em tradução livre pelo autor)

O império etíope, ou Abissínia, foi o único Estado africano a resistir com sucesso à partilha da África, tendo derrotado a Itália em 1896. Era um forte símbolo de resistência para os africanos na diáspora, junto com outros exemplos, como Opobo do rei Jaja e o povo Zulu liderado por Shaka. O cristianismo que veio com a dominação na Jamaica também dá forças à crença de um Deus negro que surgiria na terra e caminharia entre os homens. A

passagem de Salmos 68:31, “Príncipes virão do Egito; a Etiópia cedo estenderá para Deus as suas mãos”, é um exemplo disso.

Em 1928, *ras* (cabeça, em amárico; título de nobreza) Tafari da linhagem do rei Salomão descrita no *Kebrá Negast* (glória dos reis) foi coroado *negus* (rei, em amárico). Em 1930, é coroado *negus negast* (rei dos reis, imperador) da Etiópia, assumindo o nome Haile Selassie I (poder da santíssima Trindade) e recebendo os títulos salomônicos (senhor dos senhores, eleito de Deus, leão conquistador da tribo de Judá). As palavras de Garvey são relembradas, e similaridades entre os eventos que ocorrem na África e aqueles descritos no livro do apocalipse bíblico são traçadas. Uma profecia estaria se cumprindo.

O culto ao salvador *ras* Tafari entre os africanos na diáspora é gradualmente intensificado, sendo sua visita à Jamaica em 1966 um grande catalisador do sentimento profético da libertação negra pelas mãos de um rei negro. Até a década de 60, os rastas eram vistos como perdedores perigosos com ideias absurdas, inclusive retratados de tal forma em poemas caribenhos (DOUMERC, 2011).

De acordo com o antropólogo social jamaicano Barry Chevannes, na Jamaica ocorre também um movimento intenso de migração interna a partir de 1921 até 1960, um êxodo rural com destino à Kingston. A cidade ficou superpopulada, com problemas sanitários e criminalidade. Os desamparados, esquecidos e abandonados pela sociedade encontram no movimento rastafari uma nova esperança. Os rastas têm plena noção da exploração que sofrem pela Igreja e pelo Estado, e oferecem resistência a tais estruturas impostas pelos grupos dominantes (CHEVANNES, 1994).

De acordo com o sociolinguista estadunidense Anthony Kroch (1978), os grupos sociais dominantes tendem a criar uma simbologia própria distinta dos grupos dominados, interpretando a sua própria criação como superior, moral e intelectualmente. Isso ocorre em diversos aspectos sociais, como nas vestimentas, na alimentação, no corte de cabelo, e, dentre outras, na linguagem. O grupo dominante estabelece a norma de uma linguagem supostamente correta, reduzindo formas de comunicação destoantes a uma articulação inferior. Na bandeira erguida pelo movimento rastafari, então, encontra-se a resistência a essas imposições e opressões em suas diversas formas.

O foco deste artigo está na resistência linguística. Para situar o dialeto rastafari na estrutura linguística jamaicana, baseia-se na explicação da professora jamaicana Velma Pollard (2000) sobre o contínuo pós-crioulo da Jamaica. Esse contínuo tem o inglês jamaicano como acroleto (mais próximo à língua de prestígio) e o patois jamaicano como basileto (mais próximo à língua crioula). A alternância de códigos linguísticos é rotineira. É dentro desse contínuo que surge o *Dread Talk* (DT), como é chamado por Pollard e adotado também neste artigo.

Rex Nettleford (1970), estudioso e crítico social jamaicano, argumentava, há mais de quatro décadas, que o movimento rastafari, na busca por autoafirmação, vai além da adaptação; segundo ele, trata-se de uma verdadeira criação linguística. O teólogo e

sociólogo jamaicano Ennis Edmonds (2003) concorda e afirma que esse é um artifício utilizado como afronta aos padrões sociais da época: como falar inglês corretamente é o mínimo para ser aceito na sociedade, os rastas decidem desconstruir esse símbolo tão valioso e criar algo novo, algo que represente melhor sua percepção da realidade.

Pollard (2000) explica que as mudanças no DT são basicamente lexicais e fonológicas e classifica as criações do DT em 4 categorias:

- vocábulos existentes no inglês recebem novo significado, por exemplo, *babylon* (Babilônia) passa a ser usado para designar estruturas imorais.
- palavras recriadas com base num conceito complexo de “palavra e som”, por exemplo, analisando os sons da palavra *understand* (entender), percebe-se que ela também significa “ficar abaixo” (*under*, abaixo; *stand*, ficar), ou, submeter-se. Assim, troca-se a parte negativa da palavra por algo mais condizente com seu sentido, surgindo o neologismo *overstand*.
- palavras *I*, cuja primeira sílaba é substituída por *I* (pronomes da primeira pessoa do singular no inglês), por exemplo, *I-ditate* em vez de *meditate*. O *I* tem diversas implicações no imaginário rastafari. Desde a renúncia da objetificação do sujeito com o uso do pronome oblíquo *me*, até seu uso sacro relacionado ao *I* no nome de Haile Selassie I. Na prática, o *I* pode substituir todos os pronomes no DT.
- palavras novas com seus respectivos significados, já existentes ou não, por exemplo, o neologismo *Livity*, significando uma vida em plenitude.

Sendo um grupo complexo sem estrutura hierárquica formal, mas com bastante unidade e identidade entre si (EDMONDS, 2003), o movimento rastafari abrange desde os rastas que edificam sua ideologia individualmente (POLLARD, 1984) até as construções coletivas dentro de cada casa rastafari, em cada sessão de conversas (CHEVANNES, 1994). Sendo assim, as mudanças lexicais e fonológicas surgem em diversos fronts, passando pelo crivo comunitário antes de se consolidarem.

A seguir, analisa-se a transcrição de um poema oral rastafari publicado em 1971. O uso do DT, o conteúdo e a característica performática de tal poema causaram controvérsias na comunidade artística caribenha, como aponta o professor estadunidense de poesia caribenha Laurence Breiner em um artigo específico sobre esse poema no ano de 1999. Breiner afirma ainda que é um poema praticamente intransponível para outra língua. Coloca-se tal afirmação à prova.

21 MABRAK

1. 01 Lightning
02 is the future brightening,
03 for last year man learn
04 how to use black eyes.
05 (wise!)

06 Mabrak:
07 NEWSFLASH!
08 'Babylon plans crash'
09 Thunder interrupt their program to
10 announce:

11 BLACK ELECTRIC STORM
12 IS HERE
13 How long you feel 'fair to fine
14 (WHITE)' would last?

15 How long calm in darkness
16 when out of BLACK
17 come forth LIGHT?

18 How long dis slave caste
19 when out of
20 the BLACK FUTURE
21 comes
22 I
23 RIGHTS
24 ?

25 Every knee
26 must bow
27 Every tongue
28 confess
29 Every language
30 express

31 W
32 O
33 R
34 D
35 W
36 O
37 R

38 K
39 S
40 YOU
41 MUST
42 COME
43 to RAS
44 MABRAK,
45 Enlightening is BLACK
46 hands writing the words of
47 black message
48 for black hearts to feel.

49 MABRAK is righting the wrongs and brain-whitening –
50 HOW?
51 Not just by washing out the straightening and wearing
52 dashiki t'ing:
53 MOSTOFTHESTRAIGHTENINGISINTHETONGUE
54 – so HOW?

55 Save the YOUNG
56 from the language that MEN teach,
57 the doctrine Pope preach
58 skin bleach.

59 HOW ELSE? ... MAN must use MEN language to carry dis
60 message:

61 SILENCE BABEL TONGUES; recall and
62 recollect BLACK SPEECH.

63 Cramp all double meaning
64 an' all that hiding behind language bar,

65 for that crossword speaking
66 when expressing feeling

67 is just English language contribution to increase
confusion in
68 Babel-land tower –

69 delusion, name changing, word rearranging
70 ringing rings of roses, pocket full of poses:

71 'SAR' instead of 'RAS'

72 left us in a situation	85 The coming of light to the black world: Come show I
73 where education	the
74 mek plenty African afraid, ashamed,	86 way,
unable to choose	87 come make it plain as day – now – come once, and
75 (and use)	come for
	88 all
76 BLACK POWA. (Strange Tongue)	89 And every one better come to RAS
	90 for I come far, have far to go from here:
77 NOT AGAIN!	
78 Never be the same!	91 for the white world must come to blood bath
79 Never again shame!	92 and blood bath is as far as the white world can reach;
	so
80 Ever now communicate – for now I	93 when MABRAK
and I come to recreate:	94 start skywriting,
81 sight sounds and meaning to measure	95 LET BABYLON BURN
the feeling	96 JEZEBEL MOURN
82 of BLACK HEARTS – alone –	97 LET WEAK HEART CHURN
	98 BLACK HOUSE STAND FIRM: for somewhere under
83 MABRAK: frightening	99 ITYOPIA rainbow,
84 MABRAK: black lightening	00 AFRICA WAITING FOR I.

O poema inicia apresentando o raio que trará a mudança a partir de uma perspectiva negra (linhas 1 a 5). O relâmpago interrompe a programação de um possível rádio ou televisão a partir da linha 7, escutando-se o trovão nas linhas 11 e 12. Na linha 8, a primeira palavra do DT: Babilônia. Já nas linhas 13 e 14, a linguagem entra em foco com um questionamento relativo ao uso de *fair to fine* como descrição de um dia limpo, considerando-se que *fair* na época ainda se usava para descrever a pele branca. Nas linhas 15 a 24, a escuridão como origem da luz, a lembrança da escravidão e uma perspectiva de um futuro melhor. Na linha 22, o uso do I tão característico do DT.

Nas linhas 25 a 30, uma referência a Romanos 14:11 com o acréscimo do papel da linguagem. Da linha 31 até a 39, em caixa alta e verticalizado, como um raio caindo, lê-se o jogo de palavras *WORDWORKS*. O sentido do neologismo pode ser entendido como “trabalhos/obras” (*works*) “da palavra/do Verbo/de Deus” (*word*) ou que “a palavra/o Verbo/Deus” (*word*) “funciona/age” (*works*). Em seguida, um chamado ao *ras*, e o raio aparece novamente, revelando que a iluminação – representada com o neologismo *enlightening* – vem por mãos pretas.

Na linha 49, o objetivo do raio preto: a correção daquilo que está errado, o domínio do pensamento branco. Na outra linha, indaga “como?”. Da linha 51 a 54, complexifica o problema explicando que não basta deixar de alisar o cabelo e passar a usar roupas africanas, pois a maior parte do domínio se dá pela língua. Da linha 55 a 58, uma possível solução: a educação. Nas duas linhas seguintes, anuncia outra solução ao dizer que o o rasta (*man*) deve usar a língua dos homens (*men*) para espalhar a mensagem que virá. Nas linhas 61 e 62, então, tem-se talvez o maior clamor do poema: que as línguas de Babel

sejam silenciadas, e que a linguagem original, única e preta, seja resgatada.

Da linha 63 a 70, acusa a língua inglesa de causar confusão com seus duplos sentidos, ambiguidades e deturpações conceituais. Em seguida, exemplifica com a inversão do título de nobreza *ras* para *sar* (*sir*), usado até hoje na Inglaterra. Nas linhas 72 a 76, o problema educacional aparece de maneira mais explícita. Da linha 77 a 79, um brado de resistência, e da linha 80 a 82, o papel do rasta (*I and I*) na comunicação: recriar a linguagem unindo sons, sentidos e formas.

Nas linhas 83 e 84, o raio preto aparece novamente, seguido, nas linhas 85 a 90, de um pedido para que ele venha iluminar a todos. Nas linhas 91 e 92, uma frase polêmica, pois indicaria um ataque ao mundo branco. No entanto, numa análise um pouco mais profunda, percebe-se que o poeta indica apenas que o mundo branco, por si só, tem como destino um final trágico: brancos derramando o sangue de brancos. Por fim, da linha 93 à linha 100, um aviso para que não se assustem quando o raio preto chegar, pois será só o começo do retorno à África, com atenção ao DT nas linhas 95, 99 e 100.

Cabe pensar, antes de tudo, no que Pym (1992) afirma sobre traduções interculturais. Segundo esse autor, é difícil traduzir um texto carregado de variáveis culturais por três motivos: a) é difícil para o tradutor descobrir como os grupos sociais entendem e aceitam as palavras e estilos da variante; b) a chance é alta de não existir uma comunidade similar na língua alvo e; c) é difícil julgar como a comunidade da língua alvo vai reagir aos equivalentes criados.

Ante tais considerações, vale ressaltar que a tradução proposta aqui é sugestiva, jamais impositiva. Além disso, a dificuldade de produzir uma tradução condizente com esses moldes mais motiva do que desanima. Como disse Rónai (1981), “quanto maior a dificuldade, tanto maior o estímulo e maior a satisfação pelo obstáculo superado”. É preciso deixar claro ainda que a tradução aqui proposta não é, de forma alguma, uma tentativa de apropriação, mas pelo contrário, como colocado por Goethe (apud Rónai 1981), é uma tentativa de apresentar uma beldade velada como altamente digna de amor, excitando uma curiosidade irresistível para conhecermos o original.

A metodologia segue mais ou menos a dos poetas concretistas no Brasil. Os concretistas respeitavam os conteúdos literais do original, porém se mantinham abertos às novidades da recriação, ou transcrição, segundo Jackson (2010). A atenção ao som das palavras também era constante, como fala Augusto de Campos em uma entrevista transcrita: “é uma questão de ouvido”.

01		Lightning		Raio
02		is the future brightening,		o clarão num ensaio,
03		for last year man learn		pois recém aprendeu-se
04		how to use black eyes.		a ver por olhos pretos.
05		(wise!)		(secos!)

O poema é iniciado com a apresentação do raio que iluminará a todos com a perspectiva negra recém compreendida pelo homem. Ao final do trecho, *wise* pode referir-se aos homens que alcançaram tal compreensão, ou aos olhos pretos dotados de sabedoria. As rimas do trecho ocorrem nas linhas 01 e 02 e nas linhas 04 e 05, e assim foram mantidas. A rima na linha 05 quase estende o campo semântico de *sábio*, mas apoia-se na relação entre sabedoria e o passar das experiências, sendo *secos* os olhos experientes, já sem lágrimas para chorar.

06	Mabrak:	Mabrak:
07	NEWSFLASH!	NOTÍCIA VEM À LUZ!
08	‘Babylon plans crash’	‘Babilônia a pó se reduz’
09	Thunder interrupt their program to	Trovões interrompem sua programação para
10	announce:	anunciar:
11	BLACK ELECTRIC STORM	TORMENTA ELÉTRICA PRETA
12	IS HERE	CHEGOU
13	How long you feel ‘fair to fine	Quanto tempo achou que ‘cor de pele
14	(WHITE)’ would last?	(BEGE)’ ia durar?

O nome do protagonista surge na linha 06: *Mabrak* – o termo vem da romanização do equivalente a raio em amárico (ጠብረቅ). Na outra linha, o súbito clarão representado pela palavra *NEWSFLASH* (notícias que saltam na sua cara) em caixa alta, trazendo um aviso: é o fim dos planos de Babilônia. O narrador indica uma interrupção na programação de um possível rádio ou televisão, e abre espaço (inclusive separa aí o parágrafo) para o protagonista tropejar sua presença em caixa alta nas linhas 11 e 12. A combinação do clarão súbito no começo (linha 07) com um estrondoso desenrolar tropejante logo em seguida (linhas 11 e 12) traça uma imagem concreta de Mabrak em sua primeira aparição.

O *flash* (brilho, lampejo, clarão) na linha 07 coloca muita luz e movimento na cena. O *news* é importante para a metáfora midiática que irá se formar. O poeta coloca na mesma palavra tanto a chamada para a notícia quanto a própria luz do relâmpago. Encontrar qualquer vocábulo que pudesse fazer isso sozinho foi uma ideia logo descartada. E já que falamos em Descartes, talvez seja a hora de dividir o problema em partes. Para o movimento, um verbo. Para a luz, ela mesma. E a notícia precisa entrar. “Notícia vem à luz” tem o sentido midiático. E a ambiguidade do original? A frase homófona, sem a crase, revela a vinda da luz. Parece cumprir bem a função. Só falta a rima com a próxima linha.

A linha 08 traz a manchete anunciada: os planos de Babilônia estão indo de mal a pior (desabando, caindo, despencando, quebrando etc.). Babilônia, a cidade das iniquidades condenada por Deus no texto bíblico, é a primeira aparição explícita do DT no poema. Com os rastas, o termo Babilônia ganha novo sentido inspirado pela história bíblica, e passa a denotar qualquer estrutura ou sistema com elevado nível de iniquidade. Desde o cassete nas costas até a própria cultura da competição – toda estrutura opressora e/ou iníqua é Babilônia. Para a linha 08, então, buscou-se inspiração religiosa, encontrando em Isaías

13:19 uma relação entre o fim de Babilônia e o fim de Sodoma e Gomorra, que viraram sal, ou, foram reduzidas a pó.

Nas linhas 09 e 10, o narrador prepara o leitor para uma interrupção explícita da programação (possivelmente de rádio ou televisão) de sujeitos alheios a eles, complementando a metáfora midiática e cedendo lugar para a autoproclamação ribombante do protagonista. Antes veio o relâmpago, agora vem o trovão (ou trovões, no caso de uma tormenta elétrica). A grave presença da tormenta vem em caixa alta, e em seguida o raio faz um questionamento que não só desestabiliza o clima, mas também coloca em xeque o racismo embutido na linguagem.

O termo *fair* em inglês tem diversas acepções, além de compor a expressão *fair to fine*, que merece um pouco de atenção. Uma das acepções dos termos *fair* e *fine* é meteorológica, onde a grosso modo *fair* corresponde a certas nuvens no céu sem precipitação e *fine* a um céu quase limpo sem nenhuma precipitação. A expressão *fair to fine* seria então uma designação de um clima estável. A ideia de interpretar essa expressão como um desafio à Babilônia e sua fria estabilidade através da metáfora climática e midiática é interessante. No entanto, há uma outra palavra em parênteses e caixa alta que muda tudo: *WHITE*.

O que aquele *white* (branco) estaria fazendo ali? Ao considerar *white* como um substituto para *fine*, uma nova compreensão da frase vem à tona: da mesma forma que *fair to fine* é um intervalo numa escala climática, *fair to white* também é um intervalo, mas numa escala de tons epidérmicos. Outras acepções do termo *fair* incluem *justo* (como em *fair price*, preço justo), *bela* (como em *fair lady*, bela dama) e *clara* (como em *fair skin*, pele clara). Até que ponto faz sentido que acepções qualitativas inegavelmente positivas compartilhem um homônimo com determinado tom de pele? Não seria isso um resquício linguístico de um pensamento supremacista? Parece-me razoável considerar que o autor tenha buscado os dois sentidos, tanto a continuação da metáfora climática quanto a crítica ao racismo entranhado na linguagem.

Parece que aqui o desafio de abarcar os sentidos e nuances principais se torna difícil demais para uma tradução, se não impossível. As soluções que se encontra vão por um lado ou pelo outro (a expressão como clima ou como tom de pele). Se já não fosse um imbróglio tradutório, ainda há uma leve rima no meio da expressão: *fine* com *white*. Aqui foi necessário, então, optar entre manter a metáfora climática ou a crítica ao racismo. A primeira cai como uma luva no poema, esteticamente impecável. A segunda diz respeito ao conteúdo abordado no decorrer do poema: livrar-se das amarras do domínio linguístico.

01 Raio
02 o clarão num ensaio,
03 pois recém aprendeu-se
04 a ver por olhos pretos.
05 (secos!)

06 Mabrak:
07 NOTÍCIA VEM À LUZ!
08 'Babilônia a pó se reduz'
09 Trovões interrompem sua programação para
10 anunciar:

11 TORMENTA ELÉTRICA PRETA
12 CHEGOU
13 Quanto tempo achou que 'cor de pele
14 (BEGE)' ia durar?

15 Quanto tempo calmos na escuridão
16 quando é do PRETO
17 que surge a LUZ?

18 Quanto tempo de escravidão
19 quando é do
20 FUTURO PRETO
21 que surgem
22 EUS
23 DIREITOS
24 ?

25 Todo joelho
26 deve se dobrar
27 Toda língua
28 confessar
29 Toda linguagem
30 expressar

31 P
32 A
33 L
34 A
35 V
36 R
37 A
38 L
39 A
40 V
41 R
42 A
43 VOCÊS
44 DEVEM
45 VIR

46 ao RAS
47 MABRAK,
48 A iluminação é PRETA
49 mão escrevendo as palavras da
50 mensagem preta
51 para corações pretos sentirem.

52 MABRAK é a correção dos erros e da
brancagem cerebral –
53 COMO?
54 Não apenas removendo o alisamento de
cabelo e usando
55 roupas dashiki:
56
57 AMAIORPARTEDOALISAMENTOTÁNALÍNGUA
– então COMO?

58 Salvem os JOVENS
59 da linguagem que o HOMEM ensina,
60 do Papa e sua doutrina
61 de toda clorofina.

62 ENTÃO COMO? ... o EU deve usar a
linguagem do HOMEM
63 para levar esta mensagem:

64 SILENCIEM AS LÍNGUAS DE BABEL;
lembrem-se
65 e recordem-se da FALA PRETA.

66 Acabem com todos os duplos sentidos
67 e com tudo que se oculta além do limite
da linguagem,

68 pois a fala em cruzamentos
69 pra expressar sentimentos

70 é apenas a contribuição da língua inglesa
para a confusão na
71 terra da torre babilônica –

72 ilusão, conceitos trocados, termos adaptados
73 cravos brigando com rosas, debaixo
tem uma sacada:

74 'SAR' em vez de 'RAS'
75 nos deixou numa situação
76 em que a educação
77 faz muitos africanos terem receio, vergonha,
sem saber optar
78 (e usar)

79 O PODER PRETO. (Língua Estranha)

80 DE NOVO NÃO!
81 Iguais não serão!
82 Do rosto tiro a mão!

83 Agora e sempre a comunicar – pois Eu e Eu
vem pra recriar:
84 forma som e sentido medindo o sentimento
85 dos CORAÇÕES PRETOS – sós –

86 MABRAK: vem o medo
87 MABRAK: o raio preto

88 A vinda da luz ao mundo preto: Venha e
mostre a Eu a
89 trilha,
90 venha e torne tudo dia – sim – venha de uma
vez, e venha por
91 todas.
92 e é melhor todos virem ao RAS
93 pois de longe Eu venho, e longo é o caminho:

94 pois o mundo branco será inundado por
sangue
95 e é só ao sangue que o mundo branco pode
chegar; então
96 quando MABRAK
97 riscar os céus,
98 DEIXE A BABILÔNIA QUEIMAR
99 JEZEBEL CHORAR
00 O CORAÇÃO FRACO SE AGITAR
01 A CASA PRETA SEGUE FIRME: pois em
algum lugar sob
02 o arco-íris na EUTIÓPIA,
03 ÁFRICA ESPERA POR EU.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006 (obra original escrita por Voloshinov e publicada em 1929).

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **The social construction of reality**. Londres: Penguin Books, 1991 (obra original publicada em 1966).

BÍBLIA, N. T. **João 1:1, João 1:3, Salmos 68:31, Romanos 14:11**. Almeida Corrigida Fiel (ACF). Sociedade Bíblica Trinitariana, 1994.

BREINER, Laurence A. “**Mabrak**”: a disappearing West Indian classic? In: **The journal of commonwealth literature**, v. 34, n. 1, 1999. pp. 27-43.

CAMPBELL, Horace. **Rasta and resistance**: from Marcus Garvey to Walter Rodney. New Jersey: Africa World Press, 1988 (obra original publicada em 1985).

CHAPMAN, Siobhan. **Thinking about language**: theories of English. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

CHEVANNES, Barry. **Rastafari**: roots and ideology. New York: Syracuse University Press, 1994.

DOUMERC, Eric. **Rastafarians in post-independence Caribbean poetry in English (the 1960s and the 1970s)**: from pariahs to cultural creators. 2011. Disponível em: <<http://miranda.revues.org/2085>>. Acesso em: 25 jun. 2017, 2h04.

EDMONDS, Ennis B. **Rastafari**: from outcasts to culture bearers. New York: Oxford University Press, 2003.

JACQUES-GARVEY, Amy (ed.) **Philosophy and opinions of Marcus Garvey**. 2009. Disponível em: <http://www.jpnafrican.org/ebooks/eBook_Phil_and_Opinions.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2017, 14h11 (edição original publicada em 1923).

HAUSER, Marc; CHOMSKY, Noam; FITCH, William T. **The faculty of language**: what is it, who has it, and how did it evolve? In: **Science**, New Series, v. 298, n. 5598, 2002. pp. 1569-1579.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006 (obra original publicada em 1992).

JACKSON, David K. **Transcrição/transcreation**: the Brazilian concrete poets and translation. In: TONKIN, H.; FRANK, M. E. **The translator as mediator of cultures**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2010. pp. 139-160.

JERRY, Bongo. **Mabrak**. In: **The penguin book of Caribbean verse in English**. Londres: Penguin Books, 2005 (obra original publicada em 1986). pp. 69-71.

KROCH, Anthony S. **Toward a theory of social dialect variation**. In: **Language in society**, v. 7, n. 1, 1978. pp. 17-36.

MATURANA, Humberto. **Biology of language**: the epistemology of reality. In: MILLER, George A.; LENNEBERG, Elizabeth (Eds). **Psychology and biology of language and thought**: essays in honor of Eric Lenneberg. Nova York: Academic Press, 1978. pp. 27-63.

NETTLEFORD, Rex. **Mirror, mirror**: identity, race and protest in Jamaica. Kingston: Collins and Sangster, 1970.

POLLARD, Velma. **Dread talk**: the language of Rastafari. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2009 (obra original publicada em 1994).

_____. **The social history of dread talk**. In: **Caribbean quarterly**, v. 28, n. 2. Special issue – language, 1984.

PYM, Anthony. **Translation and text transfer**: an essay on the principles of intercultural communication. Frankfurt: Peter Lang, 1992.

REID, Thomas. **An inquiry into the human mind**: on the principles of common sense. Editado por Derek R. Brookes. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1977 (obra original publicada em 1764).

RÓNAI, Paulo. **A tradução vivida**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.

SEARLE, John. **The construction of social reality**. New York: The Free Press, 1995.

TAYLOR, Charles. **Sources of the self**: the making of the modern identity. Cambridge: Harvard University Press, 2001 (obra original publicada em 1989).

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus logico-philosophicus**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968 (obra original publicada em 1921).

A

Análise 1, 3, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 33, 41, 49, 50, 61, 62, 75, 78, 95, 96, 103, 105, 107

Animação 1, 2, 3, 6, 9

Artes 48, 53, 93

C

Catupé amarelo 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28

Congada catalana 14, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 26, 27, 28

Criança 23, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55

D

Descrição 32, 40, 54

E

Educação infantil 47, 48, 49, 50, 55, 56

Educação musical 47, 48, 52, 56

Ensino de inglês 73, 78, 87, 94, 95, 97

Ensino remoto 57, 58, 59, 61, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 98

F

Formação de professores 50, 93, 95, 97, 99, 100, 105, 111

G

Gênero autobiografia 10, 11

Gênero fabular 1, 3, 5

L

Letras 10, 24, 29, 94, 111

Linguagem Mabrak 31

Língua portuguesa 13, 57, 58, 59, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 111

Linguística 10, 12, 13, 14, 34, 37, 61, 72, 73, 76, 92, 93, 111

P

Práticas sociais 3, 4, 62, 98

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 3

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Descrição, análise e práticas sociais 3

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br